



A Santa Sé

DISCURSO DO PAPA FRANCISCO NA ABERTURA DO CONGRESSO PASTORAL DA DIOCESE DE ROMA

*Basílica de São João de Latrão
Segunda-feira, 19 de junho de 2017*

[Multimídia]

Como dizia um sacerdote: «Antes de falar, direi duas palavras».

Quero agradecer ao cardeal Vallini a sua saudação e gostaria de dizer algo que ele não podia dizer, porque está sob sigilo, mas o Papa pode dizê-lo. Quando, após a eleição, me disseram que eu devia ir primeiro à Capela Paulina e depois à varanda para saudar o povo, veio-me imediatamente ao pensamento o nome do cardeal Vigário: «Sou bispo, mas há um vigário-geral...». Imediatamente. Ouvi-o até com simpatia. E chamei-o. E do outro lado o cardeal Hummes, que estava ao meu lado durante os escrutínios e disse-me coisas que me ajudaram. Ambos me acompanharam e naquele momento eu disse: «Estou na varanda com o meu vigário». Ali, na varanda. A partir daquele instante ele acompanhou-me e por isso quero agradecer-lhe. Ele tem muitas virtudes e também um sentido de objetividade que me ajudaram inúmeras vezes, porque de vez em quando eu “voo” e ele faz-me “aterrar” com grande caridade.... Obrigado, Eminência, pela sua companhia. Mas o cardeal Vallini não se aposenta, porque pertence a seis Congregações e continuará a trabalhar, e é melhor assim, porque um napolitano desempregado seria uma calamidade na diocese... ri, riem, aplausos]. Quero agradecer-lhe publicamente a sua ajuda. Obrigado!

E a vós, boa tarde!

Agradeço a oportunidade de poder inaugurar este Congresso diocesano, durante o qual abordareis uma temática importante para a vida das nossas famílias: acompanhar os pais na educação dos filhos adolescentes.

Nestes dias refletireis sobre alguns temas-chave que de certa forma correspondem aos lugares

onde se decide o nosso ser família: a casa, a escola, as redes sociais, a relação intergeracional, a precariedade da vida e o isolamento familiar. Existem laboratórios sobre estes assuntos.

Gostaria de partilhar convosco alguns “pressupostos” que nos podem ajudar nesta reflexão. Muitas vezes não nos damos conta, mas o espírito com o qual meditamos é tão importante quanto o seu conteúdo (um bom atleta sabe que o aquecimento conta tanto quanto o sucessivo esforço). Por isso, esta conversa quer ajudar-nos em tal sentido: um “aquecimento”, e depois caberá a vós “jogar”. Farei uma apresentação em breves capítulos.

1. *Em romanesco!*

Desejei denominar a primeira das chaves para abordar este tema “em romanesco”: o dialeto próprio dos romanos. Não raro caímos na tentação de pensar ou refletir sobre situações “em geral”, “em abstrato”. Pensar nos problemas, nas situações, nos adolescentes... E assim, sem nos darmos conta, plenamente no nominalismo. Gostaríamos de abarcar tudo, mas nada alcançamos. Hoje, convido-vos a pensar sobre este tema “em dialeto”. E para isto é preciso envidar um esforço notável, porque se exige que pensemos nas nossas famílias no contexto de uma grande cidade como Roma. Com toda a sua riqueza, oportunidades, variedade e, ao mesmo tempo, com todos os seus desafios. Não para se fechar e ignorar o restante (somos sempre italianos), mas para enfrentar a reflexão e até os momentos de oração, com um realismo sadio e estimulante. Sem abstrações, sem generalizações, sem nominalismos.

A vida das famílias e a educação dos adolescentes numa grande metrópole como esta, no fundo, exige uma atenção especial, e não podemos enfrentá-la com leviandade. Porque educar ou ser família numa cidade pequena não é como numa metrópole. Não digo que é melhor ou pior, é simplesmente diferente. A complexidade da capital não admite sínteses redutoras mas, ao contrário, estimula-nos a um modo de pensar poliédrico, pelo que cada bairro e zona encontra eco na diocese, e assim a diocese pode tornar-se visível, palpável em cada uma das suas comunidades eclesiais, com o seu próprio modo de ser. A uniformidade é um grande inimigo.

Viveis as tensões desta grande cidade. Em muitas das visitas pastorais que realizei apresentaram-me algumas das vossas experiências diárias, concretas: a distância entre casa e trabalho (em certos casos, até duas horas para chegar); a falta de vínculos familiares próximos, porque muitos tiveram que se transferir para encontrar trabalho ou para poder pagar a locação; viver sempre contando “até os centavos” para chegar ao fim do mês, porque o ritmo de vida é por si só mais caro (nos povoados as pessoas arranjam-se melhor); o tempo muitas vezes insuficiente para conhecer os vizinhos onde vivemos; ter que deixar, em numerosos casos, os filhos sozinhos... E assim poderíamos ir em frente, enumerando uma grande quantidade de situações que dizem respeito à vida das nossas famílias. Por isso a reflexão, a oração, fazei-a “em romanesco”, concretamente, com todas estas situações reais, com rostos de famílias concretas e pensando no modo de vos ajudardes uns aos outros a formar os vossos filhos no

contexto desta realidade. O Espírito Santo é o grande iniciador e gerador de processos nas nossas sociedades e situações. É o grande condutor das dinâmicas transformadoras e salvadoras. Com Ele, não tenhais medo de “caminhar” pelos vossos bairros, pensando em como dar impulso a um acompanhamento para os pais e para os adolescentes. Ou seja, concretamente.

2. Conectados

Juntamente com o precedente, reflito sobre outro aspeto importante. A situação atual faz crescer gradualmente na vida de todos nós, de maneira especial nas nossas famílias, a experiência de nos sentirmos “erradicados”. Fala-se de uma “sociedade líquida” — e é assim — mas hoje, neste contexto, eu gostaria de vos apresentar o problema crescente da *sociedade erradicada*. Ou seja, pessoas, famílias que aos poucos perdem os seus vínculos, aquele tecido vital tão importante para nos sentirmos parte uns dos outros, partícipes com os outros de um projeto comum. É a experiência de saber que “pertencemos” a outros (no sentido mais nobre deste termo). É importante ter em consideração este clima de erradicação, porque passa gradualmente pelo nosso olhar e de modo especial pela vida dos nossos filhos. Uma cultura erradicada, uma família desenraizada é uma família sem história, sem memória, precisamente sem raízes. E quando não existem raízes, qualquer vento acaba por te arrastar. Por isso, uma das primeiras coisas nas quais temos que pensar como pais, como famílias, como pastores, são os cenários nos quais devemos enraizar-nos, onde gerar vínculos, encontrar raízes, onde fazer crescer aquela rede vital que nos permita sentir-nos em “casa”. Hoje parece que as redes sociais nos oferecem este espaço de “rede”, de conexão com outros, e até os nossos filhos os fazem sentir-se como parte de um grupo. Mas o problema que comportam, devido à sua própria virtualidade, é que nos deixam como que “no ar” — eu disse “sociedade líquida”; mas podemos dizer “sociedade gasosa” — e portanto muito “volátil”: “sociedade volátil”. Não existe pior alienação para uma pessoa, do que sentir que não tem raízes, que não pertence a ninguém. Este princípio é muito importante para acompanhar os adolescentes.

Muitas vezes exigimos dos nossos filhos uma formação excessiva em determinados campos que consideramos relevantes para o seu futuro. Fazemos com que estudem muitas coisas, para que deem o “máximo”. Mas não damos a mesma importância ao facto que conheçam a sua terra, as suas raízes. Privamo-los do conhecimento dos génios e dos santos que nos geraram. Sei que existe um laboratório dedicado ao diálogo intergeracional, ao espaço dos avós. Sei que pode ser repetitivo mas sinto-o como algo que o Espírito Santo fomenta no meu coração: a fim de que os nossos jovens tenham visões, sejam “sonhadores”, possam enfrentar com audácia e coragem os tempos vindouros, é necessário que ouçam os sonhos proféticos dos seus pais (cf. *Jl 3, 1*). Se quisermos que os nossos filhos sejam formados e preparados para o amanhã, não é só aprendendo línguas (para citar um exemplo) que o conseguirão. É necessário que se *conectem*, que conheçam as suas raízes. Somente assim poderão voar alto; caso contrário, serão capturados pelas “visões” de outros. E volto a falar deste assunto; talvez eu seja obcecado, mas...

os pais devem deixar espaço aos filhos, para que falem com os avós. Muitas vezes o avô ou a avó vive numa casa de repouso e não vão visitá-los... Devem falar com eles! Até superar os pais, mas haurir das raízes dos avós. Os avós têm esta qualidade da transmissão da história, da fé, da pertença. E fazem-no com a sabedoria de quem está à porta, pronto para ir embora. Como eu disse, às vezes volto a citar o trecho de Joel (3, 1): «Os vossos filhos e as vossas filhas profetizarão; os vossos anciãos terão sonhos». E vós sois a ponte. Hoje não permitimos que os avós sonhem, descartamo-los. Esta cultura descarta os avós porque eles não produzem: eis a “cultura do descartável”. Mas os avós só podem sonhar quando se encontram com a nova vida, então sonham, falam... Mas pensai em Simeão, pensai na santa tagarela Ana, que ia de um lado para outro, dizendo: “É aquele! É ele!”. E isto é bom, é bonito! São os avós que sonham e conferem às crianças a pertença da qual têm necessidade. Gostaria que neste laboratório intergeracional vós fizésseis um exame de consciência sobre isto. Encontrai a história concreta nos avós. E não os deixeis de lado. Não sei se eu já disse isto alguma vez, mas vem-me ao pensamento uma história que, quando eu era criança, uma das minhas duas avós me ensinou. Era uma vez, numa família, um avô viúvo: morava com a família, mas tinha envelhecido e quando comiam, caía-lhe um pouco de sopa ou a baba e sujava-se um pouco. Então o pai decidiu fazê-lo comer sozinho na cozinha, “assim podemos convidar amigos...”. Dito e feito. Alguns dias mais tarde, volta do trabalho e encontra o menino que brincava com um martelo, pregos, um pouco de madeira... “Mas o que fazes” — “Uma mesa” — “Uma mesa, porquê?” — “Uma mesa de jantar” — “Mas porquê?” — “Para que, quando envelheceres, tu possas comer ali, sozinho”. Aquele menino tinha entendido com intuição onde estavam as raízes.

3. *Em movimento*

Educar os adolescentes em movimento. A adolescência é uma fase de passagem na vida não apenas dos vossos filhos, mas de toda a família — é a família inteira que está em fase de passagem — vós o sabeis e o viveis; e como tal, na sua globalidade, devemos enfrentá-la. É uma fase-ponte, e por este motivo os adolescentes não se encontram nem aqui nem lá, estão a caminho, em trânsito. Não são crianças (e não querem ser tratados como tais) e também não são adultos (mas querem ser tratados como tais, de modo especial no plano dos privilégios). Vivem exatamente esta tensão, antes de tudo em si mesmos e depois com quantos os circundam.^[1] Procuram sempre o confronto, fazem perguntas, debatem sobre tudo, buscam respostas; e às vezes não ouvem as respostas mas fazem outra pergunta antes que os pais lhes deem a resposta... Passam através de vários humores, as famílias juntamente com eles. No entanto, permiti-me dizer-vos que se trata de um tempo precioso na vida dos vossos filhos. Uma fase difícil, sim. Um tempo de mudanças e de instabilidade, sim. Uma fase que apresenta grandes riscos, sem dúvida. Mas acima de tudo é um tempo de crescimento para eles e para a família inteira. A adolescência não é uma patologia e não podemos enfrentá-la como se assim fosse. Um filho que vive a sua adolescência (por mais difícil que possa ser para os pais), é um filho com futuro e esperança. Preocupa-me muitas vezes a tendência atual a “medicar” precocemente os nossos adolescentes. Parece que tudo se resolve com medicamentos, ou controlando tudo com o

slogan “aproveitar ao máximo o tempo”, e assim resulta que a agenda dos jovens é pior que a de um alto dirigente.

Por isso insisto: a adolescência não é uma patologia que devemos combater. Faz parte do crescimento normal e natural da vida das nossas crianças. Onde há vida há movimento, onde há movimento há mudança, busca, incerteza, esperança, alegria e também angústia e desolação. Enquadremos bem os nossos discernimentos no âmbito de processos vitais previsíveis. Existem limites que precisamos conhecer para não nos alarmarmos, para não sermos negligentes e sabermos acompanhar e ajudar a crescer. Não é tudo indiferente mas nem tudo tem a mesma importância. Portanto, é preciso discernir quais batalhas devem ser travadas ou não. Neste caso serve muito ouvir casais com experiência, que embora não tenham uma receita a dar, ajudar-nos com o seu testemunho a conhecer este ou aquele limite ou variedade de comportamentos.

Os nossos jovens procuram ser e querem sentir-se — logicamente — protagonistas. Não gostam de se sentir comandados nem de obedecer a “ordens” que chegam do mundo adulto (seguem as regras do jogo dos seus “cúmplices”). Buscam aquela autonomia cúmplice que os faz sentir como se “comandassem sozinhos”. E aqui devemos prestar atenção aos tios, sobretudo aos tios que não tiveram filhos ou que não se casaram... Aprendi os primeiros palavrões de um tio “solteirão” [riem]. Os tios, para conquistar a simpatia dos sobrinhos, muitas vezes não se comportam bem. Havia um tio que nos oferecia cigarros às escondidas... Coisas daqueles tempos. E agora... Não digo que são maus, mas é preciso prestar atenção. Nesta busca da autonomia que os jovens desejam encontramos uma boa oportunidade, especialmente para as escolas, as paróquias e os movimentos eclesiais. Estimular atividades que os ponham à prova, que os façam sentir protagonistas. Precisam disto, ajudemo-los! Eles procuram de muitos modos a “vertigem” que os faça sentir vivos. Portanto, demos-lha! Estimulemos tudo o que os ajuda a transformar os seus sonhos em projetos e que possamos descobrir que todo o potencial que têm é uma ponte, uma passagem para uma vocação (no sentido mais amplo e bonito da palavra). Proponhamos-lhes metas amplas, grandes desafios e ajudemo-los a realizá-las, a alcançar as suas metas. Não os deixemos sós. Por conseguinte, desafiemo-los mais do que eles nos desafiam. Não deixemos que recebam a “vertigem” de outros, os quais só põem em risco as suas vidas: demos-lha nós! Mas a vertigem certa, que satisfaça este desejo de se mover, de ir em frente. Vemos muitas paróquias que têm a capacidade de “atrair” os adolescentes...: “Nesses três dias de férias, vamos à montanha, façamos algo...; ou vamos cair a escola de um bairro pobre que tem necessidade...”. Torná-los protagonistas de alguma coisa.

Isto requer que encontremos educadores capazes de se comprometer no crescimento dos jovens. Requer educadores estimulados pelo amor e pela paixão de fazer crescer neles a vida do Espírito de Jesus, de fazer ver que ser cristão exige coragem e é algo bom. Para educar os adolescentes de hoje não podemos continuar a utilizar um modelo de instrução meramente escolar, só de ideias. Não. É preciso seguir o ritmo do seu crescimento. É importante ajudá-los a adquirir autoestima, a acreditar que realmente podem ter bom êxito naquilo que se propõem. Em

movimento, sempre.

4. *Uma educação integrada*

Este processo exige que se desenvolva de maneira simultânea e integrada com as diversas linguagens que nos constituem como pessoa. Isto é, ensinar aos nossos jovens a integrar tudo o que são e que fazem. Poderíamos chamá-la uma alfabetização sociointegrada, ou seja, uma educação baseada no intelecto (a mente), nos afetos (o coração) e na ação (as mãos). Ela oferecerá aos nossos jovens a possibilidade de um crescimento harmonioso a nível não só pessoal mas ao mesmo tempo social. É urgente a criação de lugares onde a fragmentação social não seja o esquema dominante. Para tal finalidade é preciso ensinar a raciocinar sobre o que se sente e se faz, a sentir o que se pensa e se faz, a fazer o que se pensa e se sente. Isto é, integrar as três linguagens. Um dinamismo de capacidade posto ao serviço da pessoa e da sociedade. Isto ajudará a fazer com que os nossos jovens se sintam ativos e protagonistas nos seus processos de crescimento e os levará também a sentir-se chamados a participar na construção da comunidade.

Querem ser protagonistas: demo-lhes espaço para que sejam protagonistas, orientando-os — obviamente — e dando-lhes os instrumentos para desenvolver todo este crescimento. Por isso considero que a integração harmoniosa dos diversos saberes — da mente, do coração e das mãos — os ajudará a construir a sua personalidade. Muitas vezes pensamos que a educação seja comunicar conhecimentos e ao longo do caminho deixamos os analfabetos emotivos e jovens com muitos projetos irrealizados porque não encontraram quem lhes ensinasse a “fazer”. Concentrámos a educação no cérebro descuidando o coração e as mãos. E esta é também uma forma de fragmentação social.

No Vaticano, quando as guardas vão para a reforma, recebo-as, uma por uma. Recentemente recebi seis. Uma de cada vez. “O que fazes, o que farás...”. Agradeço o serviço prestado. E uma delas disse: “Trabalharei como carpinteiro. Gostaria de ser marceneiro, mas serei carpinteiro. Porque meu pai me ensinou muito sobre isto, e também o meu avô”. O desejo de “fazer”: esta pessoa foi bem educada com a linguagem do fazer; e também o coração é bom, porque pensava no pai e no avô: um coração afetivo e bom. Aprender “como se faz”... Este facto comoveu-me.

5. *Sim à adolescência não à competição*

Como último elemento, é importante que reflitamos sobre uma dinâmica ambiental que nos interpela a todos. É interessante observar que os jovens querem ser “adultos” e os “adultos” querem ser ou se tornaram adolescentes.

Não podemos ignorar esta cultura, dado que é o ar que todos respiramos. Hoje existe uma espécie de competição entre pais e filhos: diferente daquela de outras épocas, nas quais

normalmente se verificava o confronto entre uns e outros. Hoje passámos do confronto para a competição, que são duas situações diversas. São duas dinâmicas diferentes do espírito. Os nossos jovens hoje encontram muita competição e poucas pessoas com as quais se confrontar. O mundo adulto acolheu como paradigma e modelo de sucesso a “eterna juventude”. Parece que crescer, envelhecer, “amadurecer” seja um mal. É sinónimo de vida frustrada ou esgotada. Parece que hoje tudo deve ser mascarado e dissimulado. Como se o próprio facto de viver não tivesse sentido. A aparência, não envelhecer, maquilhar-se... A mim dá pena quando vejo quem tinge os cabelos.

Como é triste que alguém queira fazer um “lifting” no coração! E hoje usa-se mais a palavra “lifting” que o termo “coração”! Como é doloroso que alguém queira cancelar as “rugas” de tantos encontros, alegrias e tristezas! Vêm-me à mente quando à grande Anna Magnani aconselharam a fazer um lifting e ela disse: “Não, levei a vida inteira para fazer estas rugas: são preciosas!”.

Num certo sentido esta é uma das ameaças “inconscientes” mais perigosas na educação dos nossos adolescente: excluí-los dos seus processos de crescimento porque os adultos ocupam o lugar deles. E encontramos muitos pais adolescentes, tantos. Adultos que não querem ser adultos mas desejam brincar a ser adolescentes para sempre. Esta “marginalização” pode aumentar uma tendência natural que os jovens têm a isolar-se ou a impedir os seus processos de crescimento por falta de confronto. Há a competição mas não o confronto.

6. A “gula” espiritual

Não quero concluir sem este aspeto que pode ser um tema-chave que atravessa todos os laboratórios que fareis: é transversal. É o argumento da austeridade. Vivemos num contexto de consumismo muito forte... E fazendo uma ligação entre o consumismo e o que acabei de dizer: depois da comida, dos remédios e das roupas, que são essenciais para a vida, as maiores despesas são as de produtos de beleza, os cosméticos. Isto é estatística! Os cosméticos. É terrível dizer isto. A cosmética, que era algo mais para as mulheres, agora é igual para ambos os sexos. Depois da despesa básica, a primeira é a cosmética; e em seguida, os mascotes [os animais de companhia]: alimentação, veterinário... Estas são estatísticas. Mas este é outro argumento, o dos mascotes, que não tratarei agora: pensaremos nisto mais adiante. Voltemos ao tema da austeridade. Vivemos, dizia, num contexto de consumismo muito intenso; parece que somos impelidos a consumir, no sentido de que o importante é consumir sempre. Antes, das pessoas que sofriam deste problema dizia-se que tinham uma dependência de comprar. Hoje já não se diz: todos estamos neste ritmo de consumismo. Portanto, é urgente recuperar aquele princípio espiritual tão importante e esquecido: a austeridade. Entrámos num precipício de consumo e somos induzidos a acreditar que valem pelo que somos capazes de produzir e consumir, por quanto somos capazes de ter. Educar para a austeridade é uma riqueza incomparável. Desperta o talento e a criatividade, gera possibilidades para a imaginação e especialmente abre ao trabalho em equipe, em solidariedade. Abre aos outros. Existe uma

espécie de “gula espiritual”. A atitude dos gulosos que, em vez de comer, devoram tudo o que os circunda (parece que se engasgam quando comem).

Penso que nos faça bem educar-nos melhor, como família, nesta “gula” e dar espaço à austeridade como via para nos encontrarmos, lançar pontes, abrir espaços, crescer com os outros e para os outros. Isto só pode ser feito por quem sabe ser austero; se não é apenas um simples “guloso”.

Na *Amoris laetitia* dizia-vos: «A história duma família está marcada por crises de todo o género, que são parte também da sua dramática beleza. É preciso ajudar a descobrir que uma crise superada não leva a uma relação menos intensa, mas a melhorar, sedimentar e maturar o vinho da união. Não se vive juntos para ser cada vez menos feliz, mas para aprender a ser feliz de maneira nova, a partir das possibilidades que abre uma nova etapa» (n. 232). Parece-me importante viver a educação dos filhos a partir desta perspectiva, como uma chamada que o Senhor nos faz, como família, para tornar esta travessia uma passagem de crescimento, para aprender a saborear melhor a vida que Ele nos oferece.

Foi isto que me pareceu ter que vos dizer sobre este tema.

Muito obrigado! Trabalhai bem. Desejo-vos o melhor. Em frente!

[1] «Para os jovens, o porvir é longo e o passado breve; com efeito, no alvorecer da manhã nada há do dia que se possa recordar, enquanto tudo se pode esperar. Eles deixam-se enganar facilmente, pelo motivo ao qual aludimos, ou seja, porque esperam com facilidade. E são mais corajosos; porque são impetuosos e fáceis de esperança, e destas duas qualidades a primeira impede-lhes de ter medo, a segunda torna-os confiantes; com efeito, ninguém teme quando está irado, e esperar algum bem infunde confiança. E são indignáveis» (Aristóteles, *A retórica*, II, 12, 2).